

ISSN 1984-5588

Textos para Discussão N° 63

**Secretaria do Planejamento e Gestão
Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser**

Desemprego metropolitano no Brasil: 1999-2007

Raul Luís Assumpção Bastos

Porto Alegre, junho de 2009



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO

Secretário: Mateus Affonso Bandeira



DIRETORIA

Presidente: Adelar Fochezatto

Diretor Técnico: Octavio Augusto Camargo Conceição

Diretor Administrativo: Nóra Angela Gundlach Kraemer

CENTROS

Estudos Econômicos e Sociais: Sônia Rejane Unikowski Teruchkin

Pesquisa de Emprego e Desemprego: Roberto da Silva Wiltgen

Informações Estatísticas: Adalberto Alves Maia Neto

Informática: Luciano Zanuz

Editoração: Valesca Casa Nova Nonnig

Recursos: Alfredo Crestani

TEXTOS PARA DISCUSSÃO

Publicação cujo objetivo é divulgar resultados de estudos direta ou indiretamente desenvolvidos pela FEE, os quais, por sua relevância, levam informações para profissionais especializados e estabelecem um espaço para sugestões. As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e de inteira responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista da Fundação de Economia e Estatística.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Desemprego metropolitano no Brasil: 1999-2007*

Raul Luís Assumpção Bastos**

Economista, técnico da FEE

Resumo

O artigo aborda o desemprego nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo, bem como no Distrito Federal, no período 1999-2007, utilizando como fonte empírica a Pesquisa de Emprego e Desemprego. Inicialmente, analisa-se a evolução da taxa de desemprego total, por tipo e o tempo médio de permanência dos indivíduos na condição de desempregados. Posteriormente, aplica-se um método de decomposição para tratar das mudanças na participação de grupos populacionais e socioeconômicos no estoque de desempregados de cada uma das regiões. O estudo revela que houve redução da incidência do desemprego em todas as regiões desde 2004, o que se coadunou com uma melhora da performance macroeconômica do País a partir daquele ano. Quanto às mudanças na composição do desemprego, ocorreu aumento da participação das mulheres, dos indivíduos adultos e dos mais escolarizados, nos estoques de desempregados das regiões, e redução da participação dos chefes de domicílio.

Palavras-chave: desemprego; composição do desemprego; mercados de trabalho metropolitanos.

Abstract

The paper approaches the unemployment in the metropolitan areas of Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador and São Paulo, as well as in Federal District, Brazil, in the period 1999-2007, using data of Employment and Unemployment Research. Initially, it is analysed the evolution of the total unemployment rate, the unemployment rate by type and the average time of unemployment. Subsequently, a method of decomposition is applied to deal with changes in the participation of population and socioeconomic groups in the stock of unemployed of each region. The study shows that there was reduction in the incidence of unemployment in all areas since 2004, which was combined with a better macroeconomic performance of the country since that year. Concerning the changes in the unemployment composition, the paper shows that occurred an increase in the participation of women, adults and more educated workers in the stocks of the unemployed of the regions, and a reduction in the participation of household heads.

Key words: unemployment; unemployment composition; metropolitan labour markets.

Classificação JEL: J00; J64.

1. Introdução

O mercado de trabalho no Brasil teve um desempenho desfavorável nos anos 1990, em um ambiente que se caracterizou pelo baixo ritmo de crescimento econômico e no qual ocorreram a abertura comercial e a reestruturação produtiva. Tal ambiente acentuou algumas características

* O autor é muito grato ao apoio da estatística Ana Paula Sperotto na obtenção dos dados utilizados neste artigo. Agradece também a Ana Paula Sperotto, Maria de Lourdes T. Jardim e Míriam De Toni pela leitura e crítica de uma versão preliminar do trabalho. Erros e omissões por acaso remanescentes são de sua inteira responsabilidade.

** Email: bastos@fee.tche.br

estruturais do mercado de trabalho do País, relativas à informalidade e à desregulamentação das relações de trabalho, assim como contribuiu para uma forte ascensão do desemprego. O mercado de trabalho brasileiro caracterizou-se historicamente por ser menos estruturado do que o dos Países desenvolvidos, pois nele sempre esteve presente uma elevada proporção de trabalhadores autônomos e de empregados domésticos, bem como pelo fato de uma grande parte do emprego assalariado encontrar-se à margem da legislação trabalhista e, como decorrência, do sistema de proteção social. Assim, o que ocorreu nos anos 1990 foi um movimento de exacerbação dos problemas do mercado de trabalho brasileiro, no sentido de um aumento da informalidade, da desregulamentação das relações de trabalho e de uma expansão intensa do desemprego. Em alguma medida, esse processo consubstanciou-se em um fenômeno que foi reconhecido como de precarização do trabalho no País.

No que se refere ao desemprego, é possível que o País tenha atingido nos anos 1990 patamares jamais anteriormente alcançados em suas áreas metropolitanas. De acordo com a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), a taxa de desemprego total na região metropolitana de São Paulo situou-se no maior nível da sua série histórica, em 1999, cujo início ocorreu em 1985. Esse aumento da incidência do desemprego se deu no ambiente acima descrito, cujos impactos foram particularmente intensos em termos de retração do emprego industrial.

Nos anos 2000, o cenário é distinto. Embora não se identifique uma trajetória muito nítida do mercado de trabalho do País até 2003, a partir de 2004 constata-se uma tendência mais clara dos seus indicadores, no sentido da recuperação dos níveis de ocupação, da criação de emprego formal e da redução da incidência do desemprego. Esta *performance* esteve inserida em um contexto macroeconômico de maior crescimento do produto, de recuperação gradativa dos investimentos e de incremento das exportações e do saldo da balança comercial do País.

Tendo como referência o contexto acima esboçado, este artigo se propõe a fazer um estudo sobre o desemprego nas regiões metropolitanas do País e no Distrito Federal, no período 1999-2007, valendo-se da base de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). Neste sentido, a sua preocupação central é a de abordar este objeto de estudo nas áreas metropolitanas do País nos anos 2000, procurando identificar as tendências recentes do desemprego em Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife e no Distrito Federal. A importância de estudar o desemprego nas regiões metropolitanas é justificada com base no reconhecimento de que este fenômeno se manifesta com maior intensidade nos espaços urbanos e, com ênfase ainda mais acentuada, nas áreas metropolitanas do País: de acordo com dados de um trabalho recente, a taxa de desemprego metropolitana no Brasil em 2006 era cerca de 4,8 vezes superior à das suas áreas rurais (CEPAL/PNUD/ OIT, 2008).

A par de buscar identificar as tendências do desemprego no período 1999-2007 nas regiões metropolitanas, o estudo procurará também analisar a evolução da sua composição, segundo características demográficas e socioeconômicas selecionadas. Isto permitirá avançar na compreensão do fenômeno do desemprego, no sentido de conhecer como tem se alterado a participação dos diferentes grupos populacionais e socioeconômicos no estoque de desempregados, bem como quais

os fatores, no âmbito dos mercados de trabalho metropolitanos, que têm contribuído para estas mudanças.

No que segue, o trabalho encontra-se assim estruturado: após esta introdução, a seção 2 aborda de forma sucinta o desemprego metropolitano nos anos 1990, com o propósito de recuperar as suas principais tendências e características; a seção 3 procura identificar as tendências do desemprego nas regiões metropolitanas e no Distrito Federal no período 1999-2007, no que diz respeito à sua incidência, estoque e duração; analisam-se, também, as mudanças na composição do desemprego de acordo com características demográficas selecionadas (sexo e idade) e socioeconômicas (escolaridade e posição no domicílio); para tanto, aplica-se um método de decomposição das mudanças na estrutura do estoque de desempregados, o qual permite evidenciar se estas foram provocadas pela evolução da taxa de desemprego, da taxa de participação e do peso na população em idade ativa de cada um dos grupos populacionais selecionados; por último, nas considerações finais são resumidos os principais resultados proporcionados pelo trabalho.

2. Aspectos do desemprego metropolitano nos anos 1990

O desemprego tornou-se objeto de maior atenção no País no início dos anos 1990 em face de sua ascensão, movimento este que recrudescer a partir de 1996. Para o agravamento do desemprego no período concorreram diversos fatores, dentre os quais podem-se assinalar os que seguem. O ritmo de crescimento da economia brasileira, excetuando o período 1993-1995, foi muito baixo, de apenas 1,6% ao ano, com o que a capacidade de absorção de mão-de-obra pela economia nacional se viu debilitada¹. O País aprofundou o processo de abertura comercial, aumentando a exposição do seu parque industrial à concorrência internacional. Tal processo conduziu a um movimento de reestruturação produtiva das empresas, através da adoção seletiva de inovações, de mudanças organizacionais e de processos de terceirização. Esse movimento de racionalização produtiva, em um ambiente de baixo ritmo de crescimento econômico, também acabou tendo conseqüências negativas sobre o mercado de trabalho, particularmente através da perda de emprego industrial (Dedecca, 1996; Coutinho *et al.*, 1999; Chahad e Picchetti, 2003; Baltar, 2003; Ramos e Britto, 2004).

De acordo com os dados da PED para a região metropolitana de São Paulo², a taxa de desemprego total elevou-se ao longo do período 1990 a 1992, tendo passado de 10,3% para 15,2% da População Economicamente Ativa (PEA) (Tabela 1). Entre 1993 e 1995, na fase inicial da estabilização monetária e na qual a economia do País teve um desempenho superior ao da média dos

¹ As taxas de crescimento do PIB do País foram obtidas na Carta de Conjuntura do IPEA de dezembro de 2008, seção VIII, na tabela com as séries macroeconômicas históricas. Em outras passagens do artigo, nas quais se fizer referência às taxas de crescimento econômico do País, a fonte continuará sendo a mesma.

² Na medida em que a PED será a fonte empírica utilizada na próxima seção para o estudo do desemprego metropolitano nos anos 2000, toma-se a região metropolitana de São Paulo como referência para esta abordagem inicial do seu comportamento nos anos 1990 pelo fato de ser a única região para a qual há cobertura dos dados desta pesquisa para todo esse período. Análises do mercado de trabalho metropolitano do País nos anos 1990, utilizando os dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, podem ser conhecidas em Chahad e Picchetti (2003), Ramos e Britto (2004), e Sabóia (2005).

anos 1990³, a taxa de desemprego total apresentou redução, até atingir 13,2%. Todavia, em 1996 a taxa de desemprego total nesta região voltou a ingressar em uma trajetória de ascensão, tendo passado a se situar em 19,3% em 1999. Assinale-se que esta taxa de desemprego total foi a mais elevada até então de toda a série histórica da PED na região metropolitana de São Paulo, cuja primeira média anual corresponde ao ano de 1985 (Montagner e Brandão, 1996, p. 37).

Tabela 1
Taxa de desemprego, segundo tipo de desemprego
Região Metropolitana de São Paulo - 1989-1999

Taxa de desemprego	Total	Tipo de desemprego (%)			
		Aberto	Oculto		
			Total	Precário	Desalento
1989	8,7	6,5	2,2	1,5	0,7
1990	10,3	7,4	2,9	2,0	0,9
1991	11,7	7,9	3,8	2,9	0,9
1992	15,2	9,2	6,0	4,6	1,4
1993	14,6	8,6	6,0	4,7	1,3
1994	14,2	8,9	5,3	4,0	1,3
1995	13,2	9,0	4,2	3,3	0,9
1996	15,1	10,0	5,1	3,8	1,3
1997	16,0	10,3	5,7	4,2	1,5
1998	18,2	11,7	6,5	4,6	1,9
1999	19,3	12,1	7,2	5,1	2,1

FONTE: SEP. Convênio SEADE-DIEESE. Pesquisa de Emprego e Desemprego.

A metodologia da PED permite desagregar o desemprego total em dois **tipos**, denominados de **aberto** e de **oculto**⁴. O primeiro deles procura apreender o fenômeno do desemprego de uma forma mais convencional, correspondendo à situação de indivíduos que apresentaram procura de trabalho nos trinta dias anteriores ao da entrevista em seus domicílios e que não exerceram atividade remunerada nos sete dias que a antecederam. O segundo constitui-se em uma categoria criada pela PED, cujo propósito foi o de procurar capturar de maneira mais apropriada a realidade de mercados

³ A taxa média anual de crescimento do PIB do País no período 1993-1995 foi de 4,8%, contra uma média anual de 1,6% no período 1990-1999.

⁴ Os **conceitos** de desemprego da PED são os seguintes: **desemprego aberto** – pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos 30 dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhum trabalho nos últimos sete dias; **desemprego oculto pelo trabalho precário** – compreende as pessoas que procuraram efetivamente trabalho nos 30 dias anteriores ao dia da Pesquisa, ou nos últimos 12 meses, e que realizam, de forma irregular, algum trabalho remunerado, realizam algum trabalho não remunerado de ajuda em negócios de parentes, ou realizam algum trabalho recebendo exclusivamente em espécie ou benefício; **desemprego oculto pelo desalento** – pessoas sem trabalho e que não o procuraram nos últimos 30 dias por desestímulo do mercado de trabalho, ou por circunstâncias fortuitas, mas apresentaram procura efetiva nos últimos 12 meses (Hoffmann *et al.*, 2002). Sobre os aspectos conceituais da metodologia de mensuração do desemprego na PED, ver Troyano (1988) e Hoffmann *et al.* (2002).

de trabalho pouco estruturados⁵ - como o latino-americano -, em que há uma grande proporção de trabalhadores autônomos e inseridos no emprego doméstico, assim como uma parcela considerável do emprego assalariado não é regulamentada, situando-se à margem da proteção social proporcionada pela legislação trabalhista. Em mercados de trabalho com estas características, frente a situações de adversidade econômica e na impossibilidade de acesso aos mecanismos de proteção social, parte da população se vê compelida a sobreviver por meio de trabalhos precários, esporádicos e com baixos rendimentos, sendo reconhecida pela PED como na condição de desemprego oculto pelo trabalho precário.

Conforme pode-se constatar na Tabela 1, no contexto da recessão econômica do início dos anos 1990, a elevação da taxa de desemprego total na região metropolitana de São Paulo foi ocasionada mais pelo aumento do desemprego oculto, o qual superou o crescimento do desemprego aberto. A interpretação proposta a este respeito é a de que, em um ambiente de crise econômica, parte dos desempregados, por não ter condições de acesso aos mecanismos de proteção social, dentre os quais destaca-se o seguro-desemprego, procura em inserções ocupacionais precárias formas de sobrevivência diante de uma realidade que se torna mais adversa, o que faz com que o desemprego oculto venha a crescer com mais intensidade⁶.

Como visto anteriormente, na recuperação econômica de 1993-1995 ocorreu redução da taxa de desemprego total na região metropolitana de São Paulo. Todavia, neste período, houve disparidade entre os comportamentos dos seus componentes: a taxa de desemprego aberto evidenciou redução apenas em 1993, voltando a se elevar em 1994 e 1995; de forma distinta, a taxa de desemprego oculto registrou estabilidade em 1993 e logo após recuo em 1994 e 1995. Dessa forma, a redução da taxa de desemprego total no período de recuperação econômica, à exceção de 1993, foi causada exclusivamente pela queda da taxa de desemprego oculto. Quanto às razões desses comportamentos dos dois tipos de desemprego, avança-se a interpretação de que, em um contexto de recuperação econômica, no qual criam-se mais oportunidades trabalho, parte da população desempregada passou da condição de desemprego oculto para a de desemprego aberto, o que fez com que fossem díspares os seus comportamentos, pois arrefeceu a possibilidade de redução da taxa de desemprego aberto.

No período compreendido entre 1996 e 1999, de baixo dinamismo econômico⁷, houve ascensão da taxa de desemprego total na região em foco, tendo ocorrido convergência nas trajetórias dos seus componentes, no sentido em que tanto o desemprego aberto quanto o oculto se elevaram. Não obstante, pode-se ainda assim fazer a qualificação de que a evolução do desemprego oculto foi mais adversa, pois apresentou maior elevação em termos relativos do que a do desemprego aberto. Uma vez mais, a interpretação a esse respeito proposta é a de que, em um contexto de baixo ritmo de crescimento do produto, o aumento mais intenso do desemprego oculto *vis-à-vis* ao desemprego

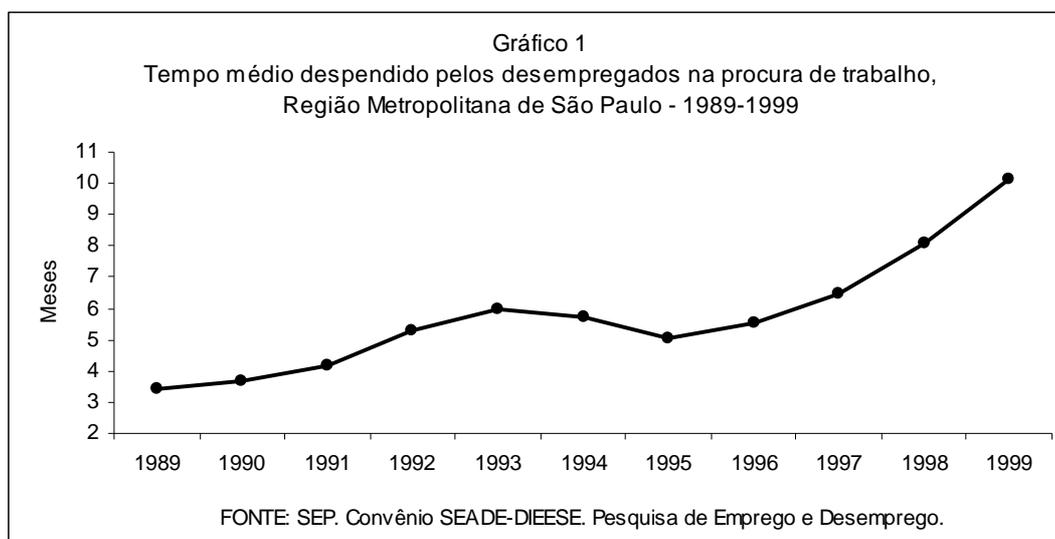
⁵ Sobre as características estruturais do mercado de trabalho brasileiro, ver Souza (1980) e Dedecca e Baltar (1997).

⁶ A este respeito, ver Montagner e Brandão (1996).

⁷ A taxa de crescimento anual média do PIB do País no período 1996-1999 foi de apenas 1,5%.

aberto está associado às características de mercados de trabalho menos estruturados, o que fez com que uma parcela daqueles que se encontravam desempregados tivesse de buscar sobreviver em ocupações precárias ou então passasse para a condição de membro desalentado na força de trabalho.

Outro aspecto que agravou o desemprego na região metropolitana de São Paulo nos anos 1990 foi o aumento do tempo médio despendido pelos desempregados na procura de trabalho (Gráfico 1). Conforme pode-se constatar, ocorreu elevação deste indicador em praticamente todo o período, tendo o tempo médio de procura atingido dez meses em 1999, o qual era mais de três vezes superior ao observado no início dos anos 1990. Mesmo em 1994 e 1995, anos em que a economia brasileira apresentou *performance* relativamente melhor em termos de taxas de crescimento do produto, o tempo médio de procura havia praticamente dobrado em relação ao observado na recessão do começo dos anos 1990. Dessa forma, tais evidências sugerem que a experiência do desemprego por períodos mais prolongados pode ter passado a se constituir em uma característica estrutural dos mercados de trabalho metropolitanos do País (DIEESE, 2001, cap. 2; Chahad e Picchetti, 2003; Rodarte *et al.*, 2005; Pochmann; 2008, cap. 1).



Esta tendência de elevação do tempo médio de procura de trabalho pode ter vínculos com o crescimento mais acelerado do desemprego oculto em comparação ao aberto (Montagner e Brandão, 1996; DIEESE, 2001, cap. 2). Isto porque, na medida em que se ampliou o tempo de procura de trabalho, o desempregado, mesmo que tenha tido condições de acessar a seguro-desemprego, ficaria parte do tempo a descoberto da proteção representada por esse mecanismo compensatório,⁸ tendo

⁸ O número de parcelas (ou meses) de recebimento do seguro-desemprego no País nos anos 1990 era de no mínimo três e de no máximo cinco, sendo tais limites determinados pelo número de meses ininterruptos em que o

de buscar outros meios de sobrevivência, e com isso passando para a condição de desemprego oculto pelo trabalho precário.

A composição do desemprego, de acordo com diferentes recortes demográficos e socioeconômicos, é outra dimensão que interessa recuperar no estudo deste fenômeno nos mercados de trabalho metropolitanos do País nos anos 1990. Esse tema foi objeto de análise no trabalho de Corseuil *et al.* (1997), o qual utilizou dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME)⁹ do IBGE, tendo sido examinadas as mudanças na composição do desemprego na comparação de 1986 com 1995.¹⁰

De acordo com a segmentação por **sexo** da população, nas regiões metropolitanas analisadas ocorreu elevação da participação dos homens no desemprego, com exceção de São Paulo (Corseuil *et al.*, 1997, p. 452 e 453).¹¹ Esta mudança em direção à maior participação dos homens no estoque de desempregados em cinco das regiões foi motivada, principalmente, pelo crescimento das taxas de desemprego deste grupo populacional comparativamente às médias do mercado de trabalho.

No que diz respeito aos **grupos etários**, os adultos de 30 a 39 anos foram aqueles que evidenciaram o maior aumento no estoque de desempregados nas regiões metropolitanas, sendo que o fator que mais contribuiu para essa evolução desfavorável foi o crescimento das taxas de desemprego deste grupo populacional comparativamente às médias dos mercados de trabalho (Corseuil *et al.*, 1997, p. 453-455). Ocorreram também aumentos na participação no desemprego entre os adultos das faixas etárias mais avançadas de 40 a 49 anos e de 50 a 59 anos, para os quais também contribuiu o crescimento relativamente maior da taxa de desemprego destes grupos populacionais¹².

Quanto à composição do desemprego por **faixas de escolaridade**, o estudo de Corseuil *et al.* (1997, p. 457 e 458) mostrou que a mudança preponderante foi no sentido do aumento da parcela relativa dos mais escolarizados no estoque de desempregados dos mercados de trabalho metropolitanos. Assim, os desempregados que possuíam de 9 a 11 anos de escolaridade viram o seu peso relativo aumentar em todas as regiões metropolitanas; para tanto, o elemento mais relevante foi o crescimento da participação dos indivíduos com este nível de educação formal na População em Idade Ativa (PIA) das regiões metropolitanas. No caso da faixa de escolaridade com mais de 11 anos

trabalhador tinha estado empregado com vínculos formais. A esse respeito, ver informações no sítio do Ministério do Trabalho e Emprego (www.mte.gov.br).

⁹ As regiões metropolitanas abordadas no estudo foram as de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador e Recife.

¹⁰ Sobre este tema, ver também Barros *et al.* (1997), que analisam a estrutura do desemprego na região metropolitana de São Paulo com indicadores médios da PME do período 1982-1993.

¹¹ Os estudos de Chahad e Picchetti (2003, p. 38 e 39) e de Ramos e Brito (2004, p.16), com dados da PME para o período 1991-2002, todavia, mostram uma tendência distinta, de aumento da proporção de mulheres no estoque de desempregados. Um argumento possível para explicar esta diferença em relação aos resultados expostos acima é que Chahad e Picchetti (2003) e Ramos e Brito (2004) utilizaram indicadores médios da PME quando da análise da composição do desemprego, enquanto Corseuil *et al.* (1997) fizeram uma abordagem individualizada das regiões metropolitanas. Como foi visto, a região metropolitana de São Paulo evidenciou aumento da proporção de mulheres no desemprego e, dado o seu grande tamanho, isto pode ter tido um impacto relevante sobre a evolução do peso relativo médio das mulheres no estoque de desempregados nas regiões metropolitanas.

¹² No caso específico de São Paulo, na faixa etária de 40 a 49 anos, o que mais contribuiu para o aumento da sua participação no contingente de desempregados foi o crescimento do peso deste grupo populacional na PIA regional (Corseuil *et al.*, 1997, p. 456).

de estudo, a mudança também foi em idêntico sentido ao apontado acima para as regiões metropolitanas de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, o que foi provocado, principalmente, pelo aumento da proporção de indivíduos com este nível de educação formal na PIA.

Conforme a **posição na família**, a análise de Corseuil *et al.* (1997, p. 459-461) evidenciou que ocorreu aumento das parcelas relativas dos chefes de família no estoque de desempregados de todas as regiões no período em foco. Neste caso, o fator que mais contribuiu para esta mudança foi o crescimento das suas taxas de desemprego em comparação à média dos mercados de trabalho regionais. Por sua vez, entre os cônjuges também se verificou aumento da sua proporção no estoque de desempregados. Para esta mudança o fator que mais contribuiu foi o crescimento das suas taxas de participação em relação à média dos mercados de trabalho regionais.

3. Desemprego metropolitano no Brasil: 1999-2007

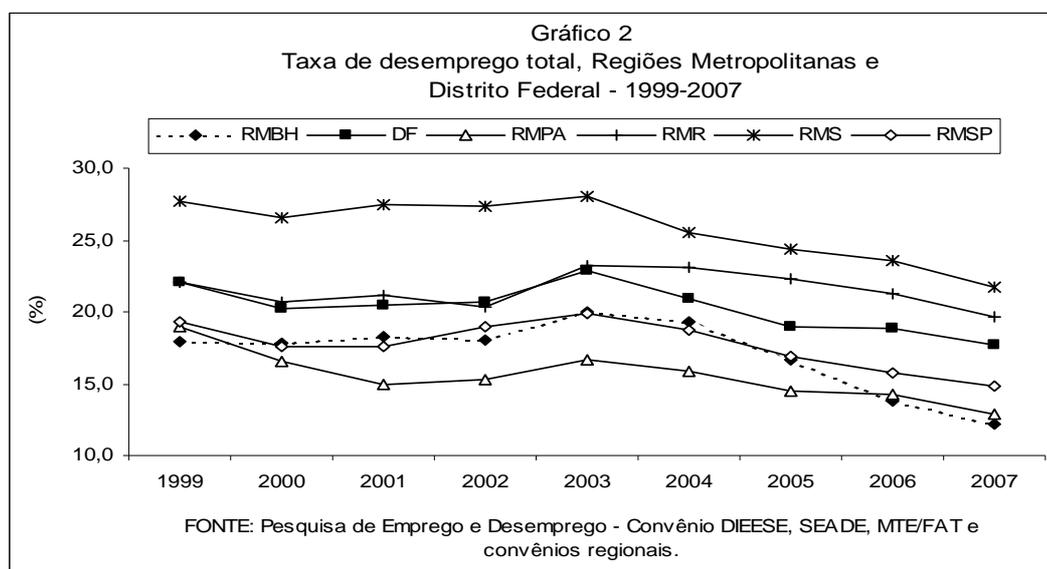
Esta seção tem como objetivo central analisar a evolução do desemprego metropolitano no País no período 1999-2007, utilizando como fonte empírica os dados da PED. Com este propósito em vista, na subseção 3.1 abordam-se as principais tendências do desemprego nas regiões metropolitanas no que diz respeito à incidência, tipo de desemprego, estoques de desempregados e tempo médio de procura por trabalho. Na subseção 3.2 analisam-se, de acordo com o método de Corseuil *et al.* (1997), as mudanças na composição do desemprego segundo diferentes recortes demográficos e socioeconômicos, com o propósito de identificar os segmentos que aumentaram as suas participações no estoque de desempregados em cada uma das regiões metropolitanas, bem como quais fatores incidiram sobre estas mudanças.

3.1 Tendências do desemprego metropolitano

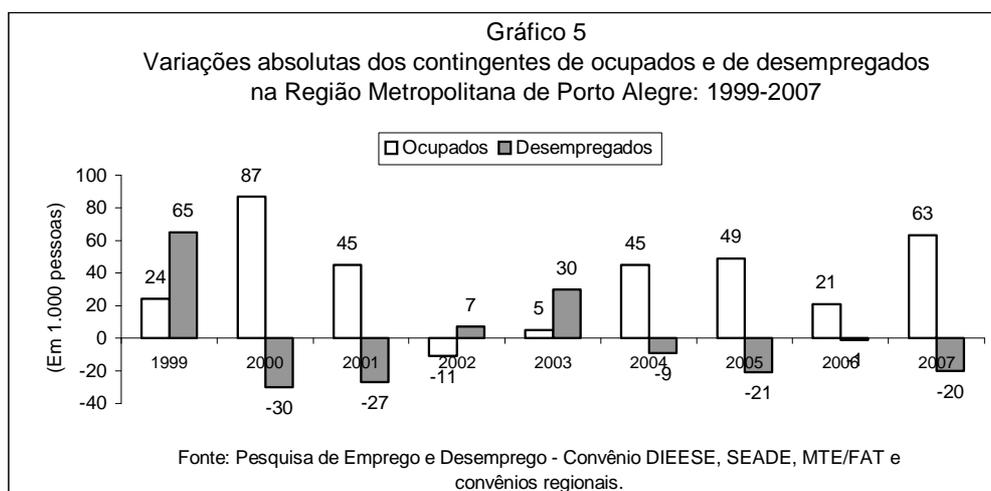
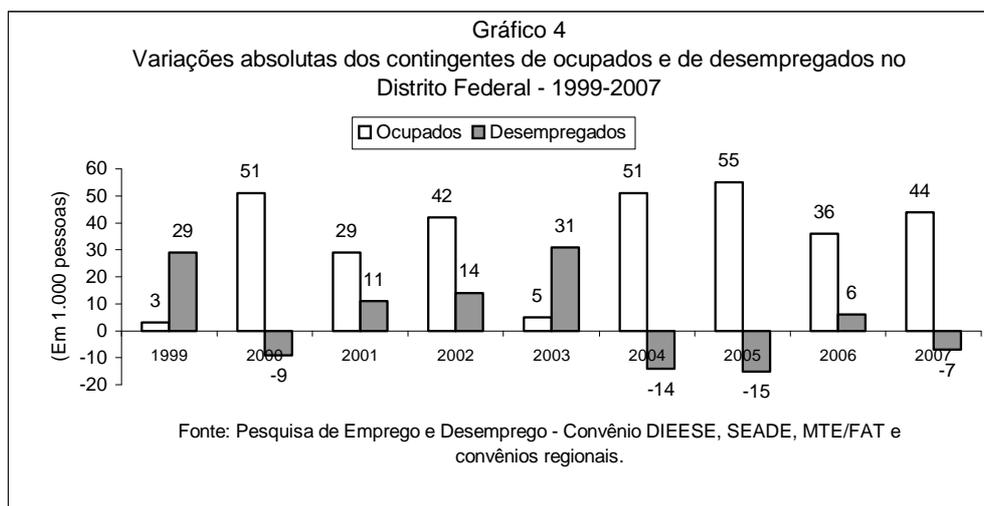
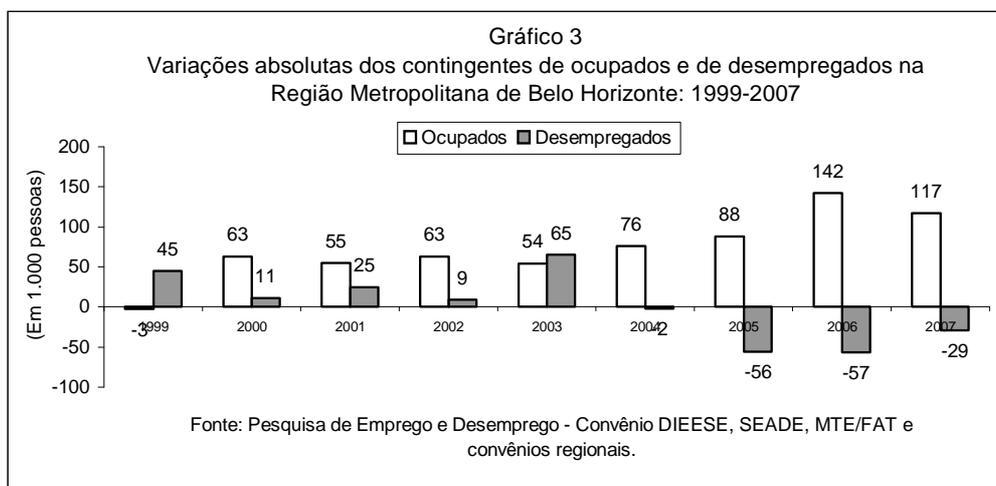
Observando-se as taxas de desemprego total nos mercados de trabalho metropolitanos no período 1999-2007, constata-se que, de modo geral, elas não apresentaram uma tendência muito bem definida até 2003 (Gráfico 2). De fato, após evidenciarem declínio generalizado em 2000, na passagem de 2002 para 2003 ocorreu elevação das taxas de desemprego total nas regiões metropolitanas. Este comportamento do desemprego coadunou-se com um contexto macroeconômico no qual o País, após registrar crescimento do PIB de 4,3% em 2000, voltou a apresentar pouco dinamismo nos anos subseqüentes, cujo piso foi o crescimento econômico de apenas 1,1% em 2003. Outro aspecto a destacar é que em 2003 a taxa de desemprego total estava em nível superior ao observado em 1999 em todas as regiões metropolitanas, à exceção de Porto Alegre. Dessa forma, não se pode afirmar que tenha se revertido, pelo menos até aquele ano, o processo de elevação do desemprego metropolitano observado no decênio anterior.

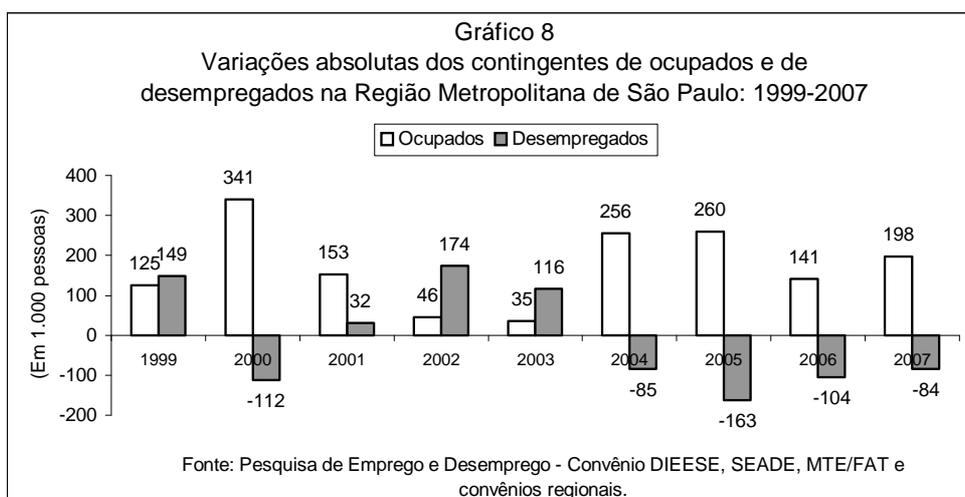
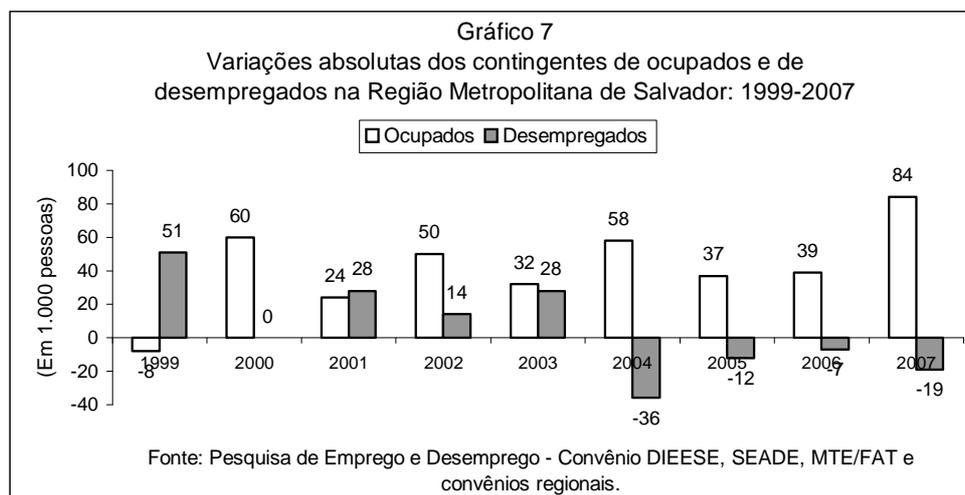
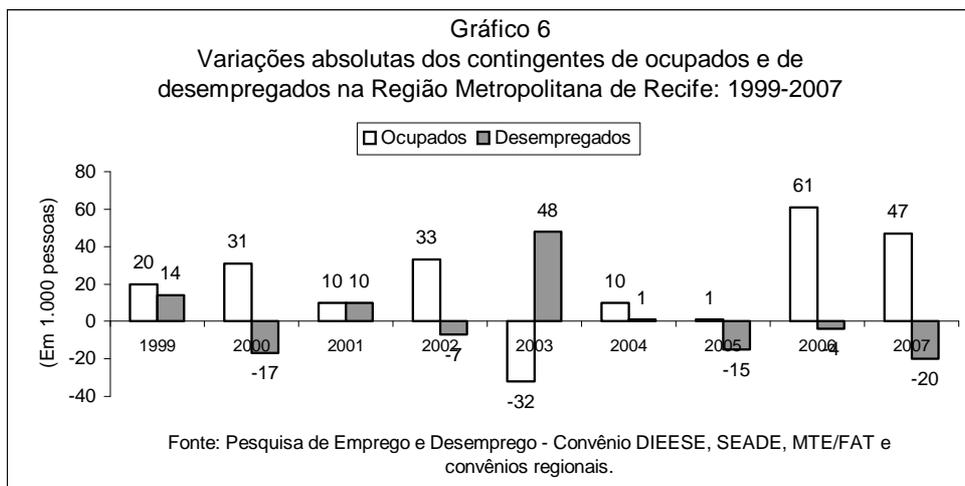
A partir de 2004 pode-se reconhecer, de fato, uma tendência de declínio da incidência do desemprego nas regiões metropolitanas (Gráfico 2). Cotejando-se o ano de 2003 com o de 2007, esta queda situou-se entre um máximo de 7,8 pontos percentuais em Belo Horizonte e um mínimo de 3,5

pontos percentuais em Recife. Este processo de redução das taxas de desemprego total no período 2004-2007 ocorreu em um ambiente de sensível melhora da *performance* macroeconômica do País, em que a taxa de crescimento média anual do PIB foi de 4,6%.



As variações dos contingentes de desempregados foram predominantemente de redução no ano 2000, sendo exceções Belo Horizonte e Salvador (Gráficos 3 a 8). Naquele ano de recuperação econômica, os mercados de trabalho metropolitanos tiveram uma boa *performance* em termos de geração de oportunidades de trabalho, sem exceção. Nos casos particulares de Porto Alegre e de São Paulo, o ano de 2000 foi inclusive o que evidenciou a mais elevada capacidade de absorção de mão-de-obra pelos respectivos mercados de trabalho, o que trouxe consigo a maior redução em termos absolutos dos contingentes de desempregados do período 1999-2007. Afora este aspecto particular relativo ao ano 2000, em consonância com o comportamento das taxas de desemprego total, é principalmente no período 2004-2007 que se constata uma tendência generalizada de redução dos contingentes de desempregados nas regiões metropolitanas. Como já mencionado anteriormente, esse período apresentou uma taxa média anual de crescimento econômico superior à de 2000-2003, o que favoreceu a geração de ocupação e a conseqüente queda do desemprego nas áreas metropolitanas.

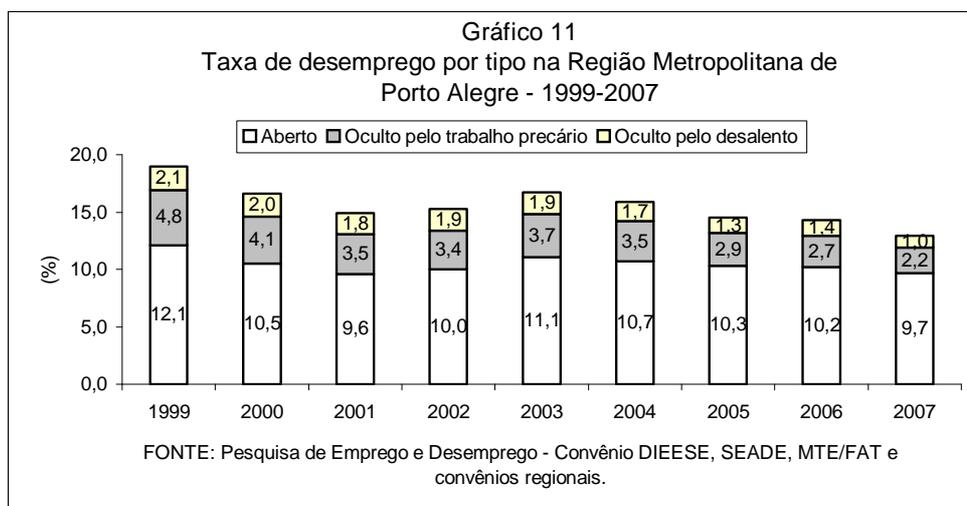
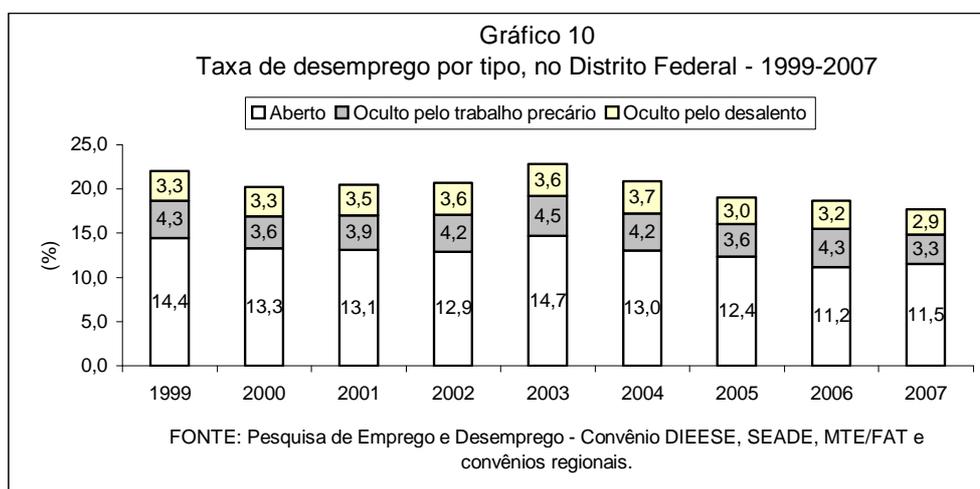
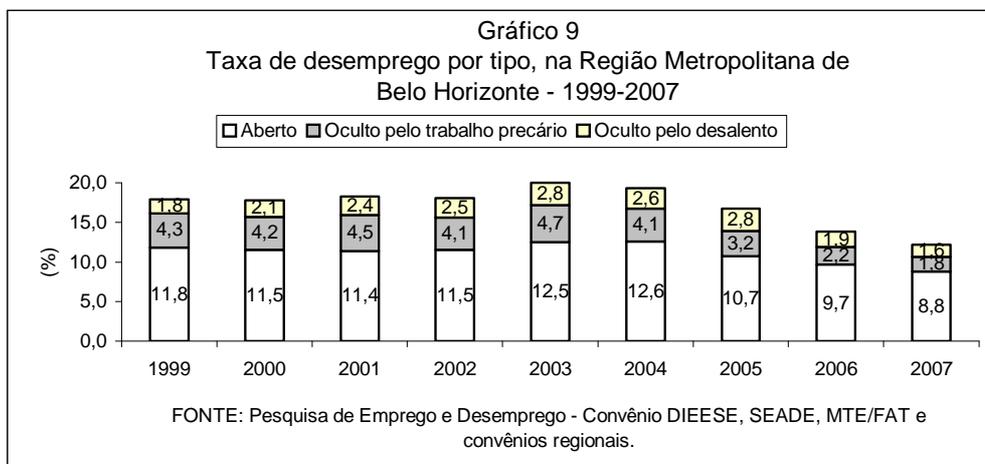


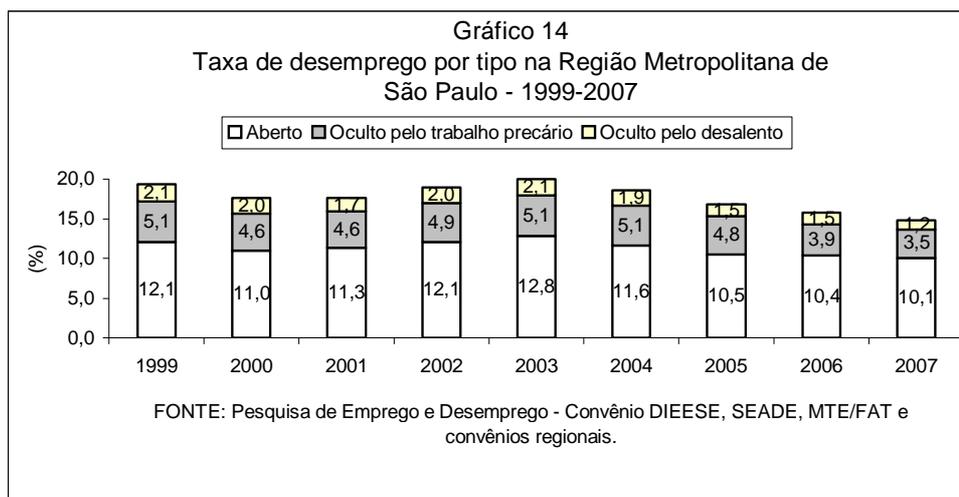
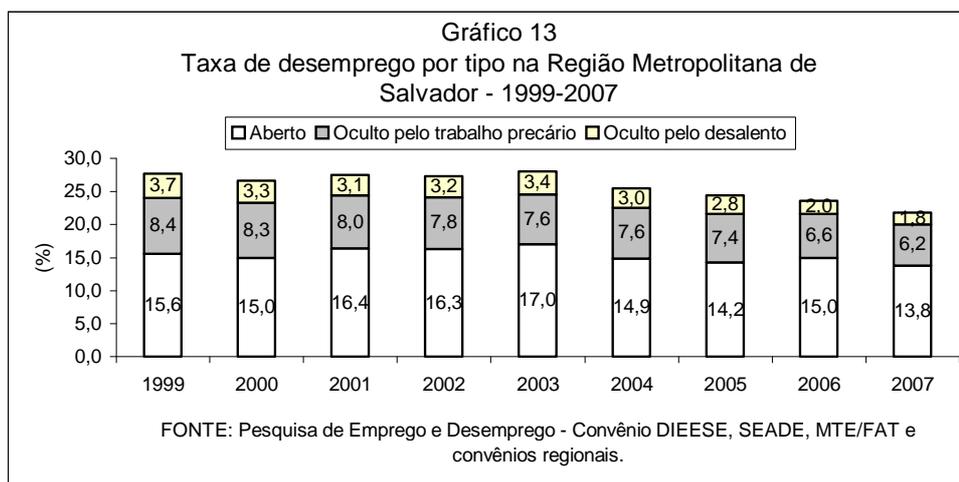
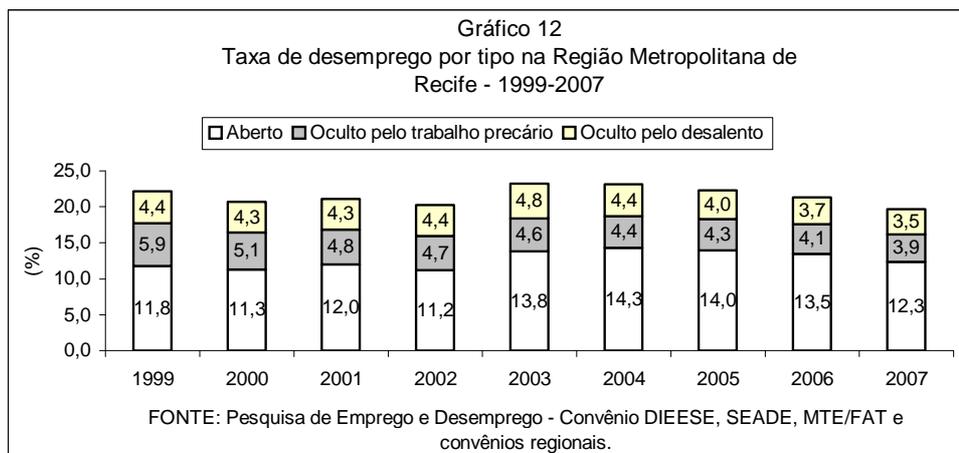


As diferenças de incidência de desemprego mostram que tanto ao início quanto ao final do período em foco as taxas de desemprego total eram maiores nas regiões metropolitanas do Nordeste, e menores nas regiões metropolitanas do Sudeste e do Sul, ficando o Distrito Federal em uma posição intermediária (Gráfico 2). Dada a persistência dessas diferenças de incidência de desemprego entre as regiões, é possível que elas estejam capturando características estruturais dos mercados de trabalho metropolitanos, que se manifestam em detrimento daquelas da região Nordeste. Dentre estas, pode-se mencionar o peso relativamente maior na ocupação da região Nordeste do emprego assalariado sem vínculos formais e do trabalho por conta própria (DIEESE, 2001, cap. 2; Rodarte *et al.*, 2005; IPEA, 2006, cap. 2). Estas características da estrutura ocupacional provavelmente contribuem para que nas duas regiões metropolitanas analisadas do Nordeste o desemprego, particularmente no seu componente oculto, se manifeste com mais intensidade, implicando maiores taxas de desemprego total.

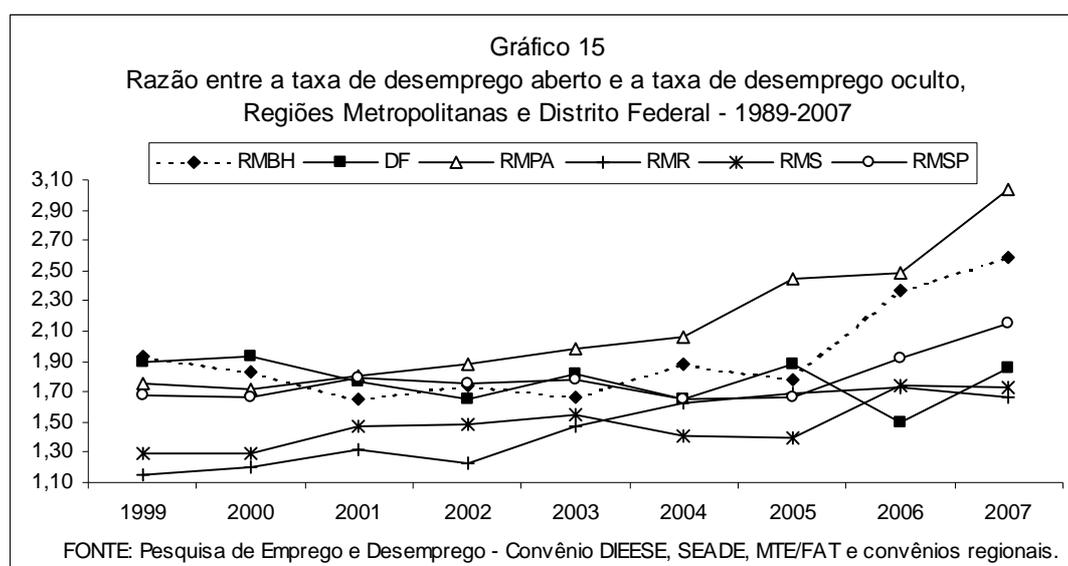
A esse respeito, sobressaem-se os seguintes aspectos na comparação das taxas de desemprego por **tipo** das regiões metropolitanas analisadas (Gráficos de 9 a 14). Tomando-se como referência inicial o ano de 1999, constata-se que as regiões metropolitanas do Sudeste e do Sul tinham taxas de desemprego **aberto** bastante próximas, situando-se entre 11,8% em Belo Horizonte e 12,1% em São Paulo e Porto Alegre. Também neste intervalo encontrava-se uma das regiões metropolitanas do Nordeste, a de Recife, com uma taxa de desemprego aberto de 11,8% naquele ano. Em patamar mais elevado de incidência do desemprego aberto estavam Salvador e o Distrito Federal, cujas taxas em 1999 eram de 15,6% e 14,4%, respectivamente. Todavia, observando-se o componente **oculto** do desemprego em 1999, evidenciam-se diferenças mais acentuadas entre as regiões metropolitanas do Sudeste e do Sul comparativamente às do Nordeste: enquanto nas primeiras a taxa de desemprego oculto encontrava-se entre 6,1% em Belo Horizonte e 7,2% em São Paulo, nas últimas ela situava-se em patamar superior, de 10,3% em Recife e de 12,1% em Salvador.¹³ Com base nessas evidências, pode-se afirmar que as taxas de desemprego total mais elevadas nas regiões metropolitanas do Nordeste em relação às do Sudeste e Sul se devem, em parte, à maior incidência do desemprego oculto, corroborando a compreensão de que em mercados de trabalho menos estruturados esta forma de desemprego se manifesta com maior intensidade. O caráter parcial desta explicação se justifica pelo fato de que a região metropolitana de Salvador, que é aquela com a maior taxa de desemprego total, detinha também, em ampla medida, a mais elevada taxa de desemprego aberto.

¹³ O Distrito Federal possuía, em 1999, uma taxa de desemprego oculto de 7,6%, nível este mais próximo ao das regiões metropolitanas do Sudeste e do Sul.





Dando continuidade à análise do comportamento do desemprego por tipo nas regiões metropolitanas no período em foco, calculou-se a razão entre a taxa de desemprego aberto e a taxa de desemprego oculto (Gráfico 15). Conforme pode-se perceber, ocorreu aumento deste indicador em todas as regiões metropolitanas quando da comparação de 1999 com 2007, o que somente não foi observado no Distrito Federal. Dado que ambas as taxas de desemprego apresentaram declínio nesta base comparativa, isto significa que a incidência do desemprego oculto recuou de forma mais acelerada do que a do desemprego aberto. Dentre outros aspectos, isto pode estar mostrando que o desempenho mais favorável dos mercados de trabalho metropolitanos – particularmente a partir de 2004 – conseguiu melhorar o seu grau de estruturação, o que contribuiu para a redução mais acentuada do desemprego oculto.¹⁴

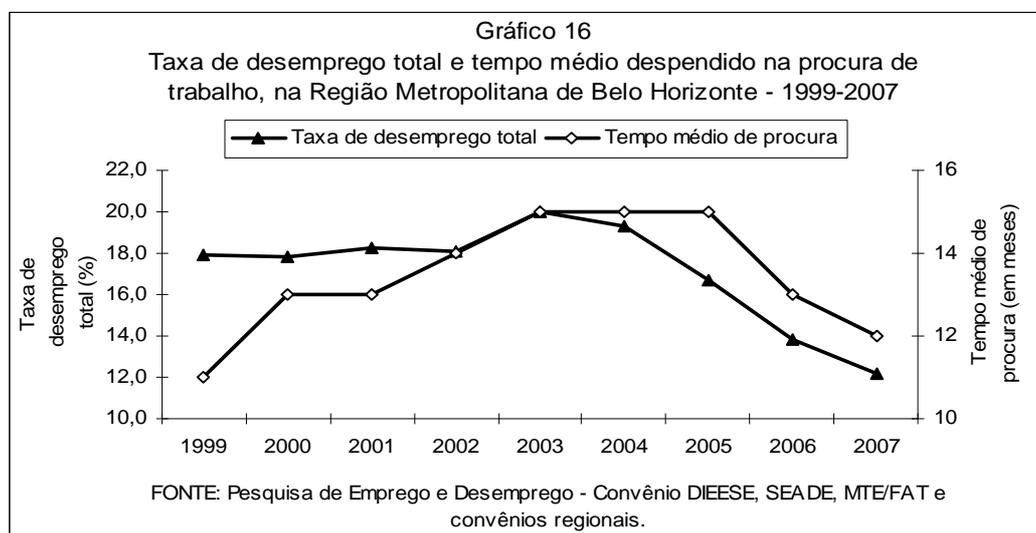


Em termos de diferenças regionais, tomando-se o ano 1999, a região metropolitana de Recife era aquela em que a razão entre a taxa de desemprego aberto e a taxa de desemprego oculto era a mais baixa (1,15), enquanto na de Belo Horizonte este indicador encontrava-se em seu patamar mais

¹⁴ Sobre a melhora do grau de estruturação do mercado de trabalho do País nos anos 2000, particularmente no que se refere ao crescimento do emprego assalariado com registro formal, ver Moretto e Krein (2005) e Cardoso Jr. (2007).

elevado (1,93) (Gráfico 15). Ao final do período, Recife continuava detendo a menor razão entre a taxa de desemprego aberto e a taxa de desemprego oculto (1,66), mas era em Porto Alegre que este indicador havia atingido em 2007 o seu maior valor (3,03). De acordo com este indicador, a hierarquia que se estabelece entre as regiões metropolitanas reforça a compreensão de que as áreas metropolitanas do Sul e do Sudeste possuem mercados de trabalho mais estruturados do que as do Nordeste, pois nelas é relativamente menor a incidência do desemprego oculto.

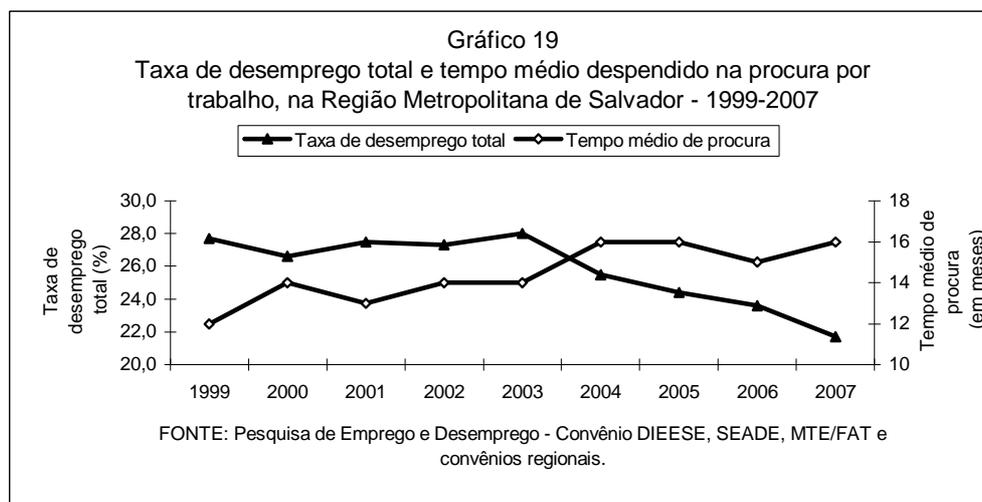
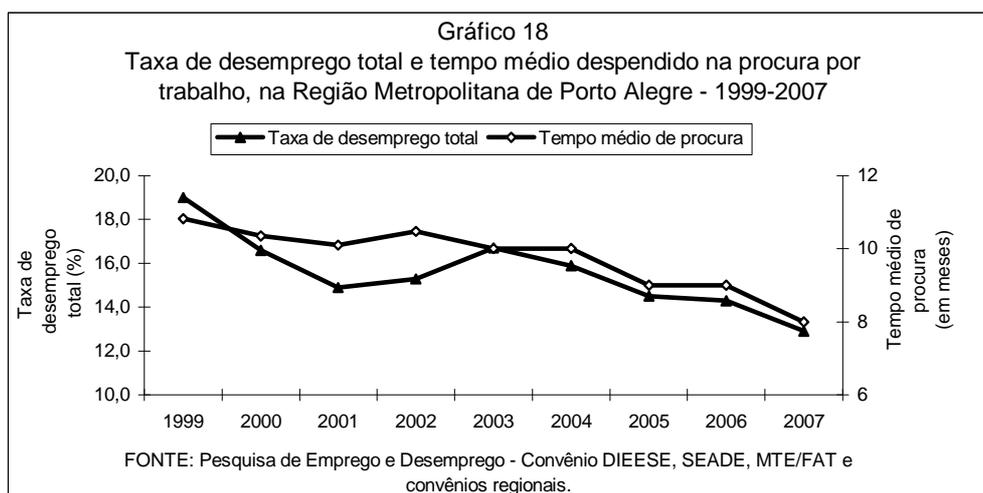
O **tempo médio de procura por trabalho** dos desempregados elevou-se em todas as regiões metropolitanas até 2004, com exceção de Porto Alegre (Gráficos 16 a 20)¹⁵. O maior tempo médio de procura naquele ano era o do Distrito Federal, que havia atingido 17 meses, seguido por Salvador, 16 meses, Belo Horizonte, 15 meses, São Paulo, 13 meses e Porto Alegre, 10 meses. Neste sentido, pode-se afirmar que em todas as regiões estudadas, à exceção de Porto Alegre, o tempo médio de procura por trabalho em 2004 enquadrava-se na categoria de desemprego de longo prazo, que corresponde a uma duração superior a 12 meses. Dessa forma, as evidências estão mostrando que essa dimensão do desemprego, relativa à sua duração, foi deteriorando-se pelo menos até 2004. A constituição de uma situação de maior adversidade para os desempregados torna-se mais nítida quando se tem presente que o seguro-desemprego no País tinha uma duração de até cinco meses, sendo muito inferior à do tempo médio de procura nas regiões metropolitanas focalizadas.

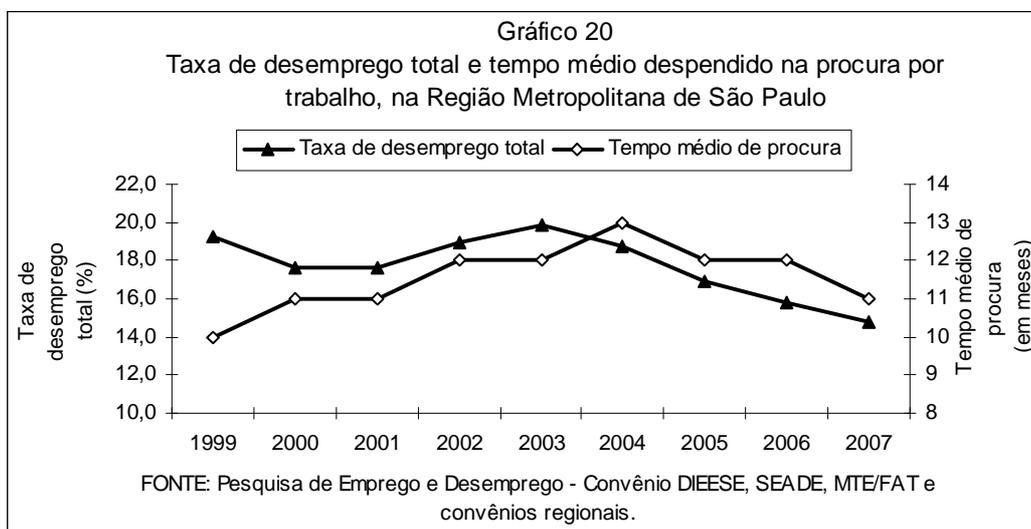


Pode-se constatar que no período 2005-2007 houve divergência de comportamento entre o tempo médio de procura e a incidência do desemprego total nas regiões metropolitanas (Gráfico 16 a 20). Assim, enquanto nas regiões metropolitanas de Porto Alegre, Belo Horizonte e São Paulo, tanto o

¹⁵ O tempo médio de procura não está disponível para a região metropolitana de Recife.

tempo médio de procura quanto a taxa de desemprego total apresentaram uma trajetória de declínio, isto não se observou de forma tão clara no Distrito Federal e, em particular, em Salvador. Esta última região, inclusive, registrava em 2007 o mesmo tempo médio de procura de 2004, de 16 meses, o mais elevado da sua série, o qual aparentemente havia se descolado do processo de redução da incidência do desemprego, configurando a pior situação entre os mercados de trabalho estudados. Caberia ainda destacar que somente na região metropolitana de Porto Alegre o tempo médio de procura por trabalho em 2007 era inferior ao de 1999, tendo declinado de 11 para 8 meses.





3.2 As mudanças na composição do desemprego

Esta subseção do trabalho tem por objetivo analisar as mudanças na composição do desemprego nas regiões metropolitanas e no Distrito Federal entre 1999 e 2007. Com esse propósito, aplicou-se o método de decomposição das mudanças no estoque de desempregados utilizado no estudo de Corseuil *et al.* (1997).

De acordo com Corseuil *et al.* (1997, p. 450-451), a participação de um grupo populacional i no estoque desempregados de uma região pode ser assim decomposta:

$$U_i/U = U_i/N_i \cdot N_i/P_i \cdot P_i/P \cdot P/N \cdot N/U \quad (1)$$

Em que

U_i = estoque de desempregados do grupo i ;
 U = estoque total de desempregados;
 N_i = número de membros da População Economicamente Ativa (PEA) do grupo i ;
 N = número de membros da PEA total;
 P_i = número de membros da População em Idade Ativa (PIA) do grupo i ;
 P = número de membros da PIA total.

Pode-se reescrever a expressão (1) do seguinte modo:

$$U_i/U = \frac{U_i/N_i}{U/N} \cdot \frac{N_i/P_i}{N/P} \cdot \frac{P_i}{P}$$

Transformando a expressão (1) em logaritmos, obtém-se:

$$\ln(U_i/U) = [\ln(U_i/N_i) - \ln(U/N)] + [\ln(N_i/P_i) - \ln(N/P)] + \ln(P_i/P) \quad (2)$$

A partir da expressão (2), pode-se obter:

$$\Delta \ln(U_i/U) = [\Delta \ln(U_i/N_i) - \Delta \ln(U/N)] + [\Delta \ln(N_i/P_i) - \Delta \ln(N/P)] + \Delta \ln(P_i/P) \quad (3)$$

Com base na expressão (3), Corseuil *et al.* (1997, p. 451) argumentam que a variação da participação do grupo *i* no estoque de desempregados de uma região irá depender (I) do comportamento da taxa de desemprego do grupo em comparação ao da taxa de desemprego da região; (II) do comportamento da taxa de participação na força de trabalho do grupo em comparação com o da taxa de participação na força de trabalho da região; (III) e da variação do peso do grupo na PIA da região. Neste sentido, pode-se trabalhar com a compreensão de que o componente descrito em I apreende pelo lado da demanda de trabalho as mudanças no peso do grupo *i* no estoque de desempregados, enquanto os componentes descritos em II e III o fazem pelo lado da oferta de trabalho. Assinale-se, adicionalmente, que o último componente é de caráter estritamente demográfico.

Portanto, através da aplicação deste método de decomposição, pretende-se procurar identificar como os três componentes acima descritos afetaram as mudanças na composição do desemprego nas regiões metropolitanas, em que sentido e com qual intensidade. Examinar-se-ão essas mudanças de acordo com características demográficas dos desempregados (sexo e idade), bem como socioeconômicas (escolaridade e posição no domicílio).

Segmentação por sexo

Conforme pode-se observar, ocorreu aumento da participação das mulheres no estoque de desempregados em todas as regiões metropolitanas e no Distrito Federal, na comparação de 1999 e 2007 (Tabela 2). A participação feminina no desemprego aumentou com maior intensidade em Belo Horizonte, Porto Alegre, São Paulo e Salvador. Todos os componentes tiveram impacto no sentido de aumentar a participação das mulheres no desemprego, mas o fator que mais contribuiu para tanto, à exceção do Distrito Federal, foi a menor redução das suas taxas de desemprego em comparação às taxas médias de desemprego dos respectivos mercados de trabalho. No caso de Salvador, este fator chegou a representar cerca de 80,0% do incremento da participação feminina no desemprego. Quanto ao Distrito Federal, o aumento da taxa de participação das mulheres em relação à taxa de participação média no mercado de trabalho foi o fator que mais contribuiu para o aumento do peso deste grupo populacional no estoque de desempregados, tendo tal efeito situado-se um pouco acima do impacto exercido pela evolução da taxa de desemprego feminina.

Como decorrência das mudanças acima analisadas, houve redução generalizada da participação dos homens no contingente de desempregados das regiões metropolitanas e do Distrito Federal, no período em foco (Tabela 3). Todos os componentes exerceram efeitos no sentido de reduzir a participação masculina no estoque de desempregados de cada região, mas o fator cujo impacto foi de maior magnitude foi a queda mais acelerada da taxa de desemprego desse grupo

populacional em relação à taxa média de desemprego. Os declínios mais intensos do peso dos homens no desemprego, como contrapartida dos movimentos assinalados entre as mulheres, ocorreram em Belo Horizonte, Porto Alegre, São Paulo e Salvador.

Tabela 2
Evolução da participação das mulheres no desemprego e seus componentes,
entre 1999 e 2007 - Regiões Metropolitanas e Distrito Federal

Discriminação	$\Delta \ln(U_i/U)$	$\Delta \ln(U_i/N_i) - \Delta \ln(U/N)$	$\Delta \ln(N_i/P_i) - \Delta \ln(N/P)$	$\Delta \ln(P_i/P)$
Belo Horizonte	0,195	0,134	0,054	0,007
Distrito Federal	0,056	0,026	0,029	0,002
Porto Alegre	0,115	0,077	0,023	0,014
Recife	0,049	0,033	0,012	0,004
Salvador	0,104	0,084	0,018	0,002
São Paulo	0,113	0,061	0,047	0,004

FONTE: Pesquisa de Emprego e Desemprego - Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. Elaboração própria do autor.

Tabela 3
Evolução da participação dos homens no desemprego e seus componentes,
entre 1999 e 2007 - Regiões Metropolitanas e Distrito Federal

Discriminação	$\Delta \ln(U_i/U)$	$\Delta \ln(U_i/N_i) - \Delta \ln(U/N)$	$\Delta \ln(N_i/P_i) - \Delta \ln(N/P)$	$\Delta \ln(P_i/P)$
Belo Horizonte	-0,251	-0,199	-0,044	-0,008
Distrito Federal	-0,073	-0,045	-0,027	-0,002
Porto Alegre	-0,135	-0,104	-0,015	-0,016
Recife	-0,052	-0,039	-0,008	-0,004
Salvador	-0,121	-0,103	-0,016	-0,002
São Paulo	-0,125	-0,083	-0,038	-0,004

FONTE: Pesquisa de Emprego e Desemprego - Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. Elaboração própria do autor.

Faixas etárias¹⁶

Entre os adolescentes de 16 e 17 anos ocorreu redução da participação no estoque de desempregados em Salvador, Recife, Porto Alegre e São Paulo, entre 1999 e 2007, tendo esta sido mais intensa nas duas regiões metropolitanas do Nordeste (Tabela 4). Nessas quatro regiões metropolitanas, tanto o comportamento da taxa de participação dos adolescentes *vis-à-vis* ao da taxa de participação média quanto a redução do seu peso na PIA contribuíram para que a parcela relativa desse grupo populacional no estoque de desempregados diminuísse. Ou seja, foram fatores que operam pelo lado da oferta de trabalho, de caráter socioeconômico e demográfico, que propiciaram a redução da participação desse grupo populacional no desemprego. Em sentido antagônico, a evolução da incidência do desemprego entre os adolescentes em relação à média dos mercados de trabalho teve um impacto que atenuou, em ampla medida, os efeitos favoráveis das outras duas

¹⁶ Devido a limitações amostrais em três regiões, as faixas etárias de 10 a 15 anos e de 60 anos e mais não serão abordadas neste estudo.

componentes sobre o seu peso no desemprego. O comportamento relativamente menos favorável da taxa de desemprego dos adolescentes *vis-à-vis* à média do mercado de trabalho constitui-se em uma indicação de que a demanda de trabalho é menos dinâmica para esse grupo populacional, o que o acaba prejudicando em termos de incidência de desemprego.

Tabela 4
Evolução da participação dos indivíduos de 16 e 17 anos no desemprego e seus componentes, entre 1999 e 2007 - Regiões Metropolitanas e Distrito Federal

Discriminação	$\Delta \ln(U_i/U)$	$\Delta \ln(U_i/N_i) - \Delta \ln(U/N)$	$\Delta \ln(N_i/P_i) - \Delta \ln(N/P)$	$\Delta \ln(P_i/P)$
Belo Horizonte	0,072	0,477	-0,101	-0,304
Distrito Federal	0,081	0,348	0,031	-0,299
Porto Alegre	-0,280	0,303	-0,297	-0,286
Recife	-0,439	0,300	-0,501	-0,238
Salvador	-0,613	0,224	-0,313	-0,524
São Paulo	-0,056	0,290	-0,129	-0,217

FONTE: Pesquisa de Emprego e Desemprego - Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. Elaboração própria do autor.

Na região metropolitana de Belo Horizonte e no Distrito Federal houve aumento da participação dos adolescentes de 16 e 17 anos no estoque de desempregados no período analisado (Tabela 4). Em Belo Horizonte isto deveu-se somente ao crescimento da taxa de desemprego dos adolescentes frente à média do mercado de trabalho, mais do que compensando os efeitos benéficos dos outros dois componentes. No que diz respeito ao Distrito Federal, esse foi provocado principalmente pelo comportamento da sua taxa de desemprego, que cresceu no período e, em menor medida, pela elevação da taxa de participação desse grupo populacional em relação à média do mercado de trabalho.

Houve aumento da participação dos jovens de 18 a 24 anos no estoque de desempregados das regiões metropolitanas de Porto Alegre, São Paulo, Recife e Salvador, sendo o de maior magnitude verificado na primeira destas regiões (Tabela 5). Para tanto, o fator decisivo foi o comportamento da taxa de desemprego desse grupo populacional em relação à média do mercado de trabalho, que se mostrou menos favorável, contribuindo para a elevação da parcela relativa de jovens no estoque de desempregados. A essa tendência se contrapôs o fator demográfico, pois nas quatro regiões metropolitanas ocorreu redução do peso dos jovens na PIA, ainda que com menor intensidade na região metropolitana de Porto Alegre. No Distrito Federal e em Belo Horizonte houve recuo da parcela relativa de jovens no estoque de desempregados, o que foi ocasionado principalmente pelo fator demográfico e, secundariamente, pelo comportamento da taxa de participação desse grupo populacional em relação à taxa de participação média. Esses efeitos, conjuntamente, superaram o impacto adverso provocado pela evolução da taxa de desemprego dos jovens em comparação à taxa média de desemprego.

Essas evidências revelam que os jovens de 18 a 24 anos, não obstante a melhora da situação dos mercados de trabalho metropolitanos desde 2004, continuaram a ser incorporados ao estoque de

desempregados em quatro das regiões pesquisadas por meio da evolução relativamente desfavorável das suas taxas de desemprego. De certa forma, isto se coaduna com os resultados de estudos que afirmam que os jovens encontram-se em uma situação de maior vulnerabilidade no mercado de trabalho, pois esta deteriora-se mais na fase de contração do ciclo econômico e melhora menos na sua fase de expansão (O'Higgins, 1997; OIT, 2000 e 2007). Tudo isto, não obstante o componente demográfico, principalmente, ter exercido um efeito favorável sobre a sua situação no mercado de trabalho no período em foco.

Tabela 5
Evolução da participação dos indivíduos de 18 a 24 anos no desemprego e seus componentes, entre 1999 e 2007 - Regiões Metropolitanas e Distrito Federal

Discriminação	$\Delta \ln(U/U)$	$\Delta \ln(U/N_i) - \Delta \ln(U/N)$	$\Delta \ln(N_i/P_i) - \Delta \ln(N/P)$	$\Delta \ln(P_i/P)$
Belo Horizonte	-0,043	0,114	-0,029	-0,128
Distrito Federal	-0,049	0,114	-0,009	-0,154
Porto Alegre	0,151	0,169	0,027	-0,044
Recife	0,044	0,177	-0,004	-0,129
Salvador	0,017	0,156	-0,020	-0,119
São Paulo	0,073	0,144	0,037	-0,108

FONTE: Pesquisa de Emprego e Desemprego - Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. Elaboração própria do autor.

No que diz respeito aos adultos de 25 a 39 anos, pode-se constatar que houve elevação da sua participação no estoque de desempregados em todas as regiões metropolitanas e no Distrito Federal, na comparação de 1999 e 2007 (Tabela 6). Este foi de maior magnitude em Salvador, Porto Alegre e Recife. O que mais contribuiu para tal resultado foi o comportamento das suas taxas de desemprego em relação à média das regiões, que declinaram de forma menos acentuada. Quanto aos outros componentes, no período em análise não se identifica um padrão de comportamento bem definido entre as regiões metropolitanas. Enquanto em Recife, Porto Alegre e São Paulo as taxas de participação dos adultos de 25 a 39 anos exerceram um impacto no sentido de incrementar o peso desse grupo populacional no estoque de desempregados, nos casos do Distrito Federal, Salvador e Belo Horizonte o efeito desse indicador foi antagônico. Já as mudanças na parcela de adultos de 25 a 39 anos na PIA das regiões metropolitanas e no Distrito Federal foram sempre em sentido distinto ao observado no componente relativo às taxas de participação desse grupo populacional, compensando-as parcial ou plenamente.

Ocorreu aumento da participação dos adultos de 40 a 59 anos no estoque de desempregados de todas as regiões metropolitanas, à exceção de São Paulo (Tabela 7). Em todas as regiões, foi o componente demográfico que teve o efeito mais relevante no sentido de aumentar a proporção de adultos de 40 a 59 anos no contingente de desempregados. Com intensidade menor, a evolução das taxas de participação desse grupo populacional em comparação à média dos mercados de trabalho regionais também contribuiu para o aumento do seu peso no contingente de desempregados, com exceção de Salvador. Conforme pode-se constatar, impacto distinto foi causado pela taxa de desemprego dos adultos de 40 a 59 anos, que se reduziu mais do que a taxa média de desemprego,

suavizando o efeito adverso dos outros dois componentes. No caso específico de São Paulo, o efeito da redução da taxa de desemprego dos adultos de 40 a 49 anos *vis-à-vis* ao da taxa média de desemprego superou os dos outros dois componentes, proporcionando uma leve redução do peso desse grupo populacional no estoque de desempregados daquela região metropolitana.

Tabela 6
Evolução da participação dos indivíduos de 25 a 39 anos no desemprego e seus componentes, entre 1999 e 2007 - Regiões Metropolitanas e Distrito Federal

Discriminação	$\Delta \ln(U_i/U)$	$\Delta \ln(U_i/N_i) - \Delta \ln(U/N)$	$\Delta \ln(N_i/P_i) - \Delta \ln(N/P)$	$\Delta \ln(P_i/P)$
Belo Horizonte	0,014	0,014	-0,009	0,008
Distrito Federal	0,007	0,019	-0,026	0,014
Porto Alegre	0,078	0,110	0,030	-0,062
Recife	0,074	0,058	0,031	-0,014
Salvador	0,122	0,069	-0,015	0,068
São Paulo	0,051	0,045	0,017	-0,011

FONTE: Pesquisa de Emprego e Desemprego - Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. Elaboração própria do autor.

Tabela 7
Evolução da participação dos indivíduos de 40 a 59 anos no desemprego e seus componentes, entre 1999 e 2007 - Regiões Metropolitanas e Distrito Federal

Discriminação	$\Delta \ln(U_i/U)$	$\Delta \ln(U_i/N_i) - \Delta \ln(U/N)$	$\Delta \ln(N_i/P_i) - \Delta \ln(N/P)$	$\Delta \ln(P_i/P)$
Belo Horizonte	0,083	-0,073	0,012	0,144
Distrito Federal	0,028	-0,149	0,021	0,156
Porto Alegre	0,026	-0,098	0,022	0,102
Recife	0,046	-0,138	0,027	0,157
Salvador	0,090	-0,069	-0,016	0,175
São Paulo	-0,017	-0,132	0,005	0,110

FONTE: Pesquisa de Emprego e Desemprego - Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. Elaboração própria do autor.

Faixas de escolaridade¹⁷

Os indivíduos com escolaridade fundamental incompleta apresentaram redução na sua participação no estoque de desempregados de todas as regiões analisadas, entre 1999 e 2007 (Tabela 8). De acordo com o que se pode observar, todos os componentes tiveram impacto no sentido de diminuir o peso desse grupo no desemprego, sendo o fator demográfico o que para tanto mais contribuiu. Nas regiões metropolitanas de Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre, este componente foi responsável por mais da metade da redução da participação dos indivíduos com escolaridade fundamental incompleta no desemprego. O engajamento no mercado de trabalho, apreendido pela taxa de participação na força de trabalho, foi o segundo fator em ordem de importância a incidir na

¹⁷ Os indivíduos analfabetos não serão abordados neste tópico pelo fato de que não há amostra suficiente para o cálculo de suas estimativas de desempregados em três regiões metropolitanas e no Distrito Federal, em 2007.

redução deste grupo no desemprego, com exceção de São Paulo e do Distrito Federal. Não obstante com menor intensidade, a evolução da taxa de desemprego dos indivíduos com escolaridade fundamental incompleta comparativamente à média do mercado de trabalho das regiões também foi favorável à redução da sua participação no contingente de desempregados.

Tabela 8
Evolução da participação dos indivíduos com escolaridade fundamental incompleta no desemprego e seus componentes, entre 1999 e 2007
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal

Discriminação	$\Delta \ln(U_i/U)$	$\Delta \ln(U_i/N_i) - \Delta \ln(U/N)$	$\Delta \ln(N_i/P_i) - \Delta \ln(N/P)$	$\Delta \ln(P_i/P)$
Belo Horizonte	-0,571	-0,106	-0,149	-0,316
Distrito Federal	-0,519	-0,133	-0,133	-0,254
Porto Alegre	-0,436	-0,008	-0,190	-0,238
Recife	-0,443	-0,138	-0,139	-0,165
Salvador	-0,611	-0,092	-0,174	-0,345
São Paulo	-0,568	-0,177	-0,152	-0,239

FONTE: Pesquisa de Emprego e Desemprego - Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. Elaboração própria do autor.

Nota: Inclui alfabetizados sem escolaridade.

Este último resultado pode se mostrar contraditório com a compreensão de que o mercado de trabalho tem se tornado mais seletivo em termos de requisitos de educação formal. A interpretação a este respeito proposta é a de que, em um contexto de aumento do nível de educação formal da PIA, o País possa estar convivendo com uma menor oferta relativa de trabalhadores menos escolarizados, o que teria o efeito de provocar uma redução mais acelerada da incidência do desemprego entre eles comparativamente à média do mercado de trabalho.

O segmento com escolaridade fundamental completa a média incompleta não evidenciou um padrão bem definido de evolução da sua participação no estoque de desempregados das regiões metropolitanas e do Distrito Federal (Tabela 9). Em Porto Alegre, Salvador e Belo Horizonte houve aumento do seu peso no desemprego, o que se deveu principalmente ao comportamento da incidência do desemprego, cuja evolução foi relativamente desfavorável para os membros desta faixa de escolaridade. No caso das regiões de Recife, São Paulo e no Distrito Federal, ao contrário, houve redução do peso deste grupo no contingente de desempregados, provocado pela queda da sua taxa de participação e/ou do seu peso na PIA, que mais do que compensaram a evolução da incidência do desemprego.

Tabela 9
Evolução da participação dos indivíduos com escolaridade fundamental completa a média incompleta no desemprego e seus componentes, entre 1999 e 2007
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal

Discriminação	$\Delta \ln(U_i/U)$	$\Delta \ln(U_i/N_i) - \Delta \ln(U/N)$	$\Delta \ln(N_i/P_i) - \Delta \ln(N/P)$	$\Delta \ln(P_i/P)$
Belo Horizonte	0,081	0,176	-0,067	-0,028
Distrito Federal	-0,007	0,076	0,001	-0,083
Porto Alegre	0,114	0,131	-0,037	0,020
Recife	-0,042	0,028	-0,095	0,025
Salvador	0,084	0,064	-0,035	0,056
São Paulo	-0,013	0,126	-0,083	-0,056

FONTE: Pesquisa de Emprego e Desemprego - Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. Elaboração própria do autor.

Houve elevação generalizada da participação do grupo de indivíduos da faixa de escolaridade média completa a superior incompleta no desemprego, entre 1999 e 2007, sendo esta de maior magnitude nas regiões metropolitanas de São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Salvador (Tabela 10). Para tal comportamento, o fator mais relevante foi de caráter demográfico, como mostrado pelo grande aumento do peso deste grupo na PIA. Em praticamente todas as regiões, cerca de 70,0% do incremento da participação dessa faixa de escolaridade no desemprego foi devido a este componente. Por sua vez, a evolução menos satisfatória da taxa de desemprego deste grupo em relação à média das regiões metropolitanas foi o segundo fator, em ordem de importância, a contribuir para o aumento da participação no desemprego do grupo em análise.

Tabela 10
Evolução da participação dos indivíduos com escolaridade média completa a superior incompleta no desemprego e seus componentes, entre 1999 e 2007
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal

Discriminação	$\Delta \ln(U_i/U)$	$\Delta \ln(U_i/N_i) - \Delta \ln(U/N)$	$\Delta \ln(N_i/P_i) - \Delta \ln(N/P)$	$\Delta \ln(P_i/P)$
Belo Horizonte	0,643	0,146	-0,016	0,513
Distrito Federal	0,464	0,184	-0,037	0,317
Porto Alegre	0,481	0,106	0,016	0,359
Recife	0,603	0,168	0,019	0,416
Salvador	0,601	0,186	-0,029	0,444
São Paulo	0,666	0,185	0,013	0,468

FONTE: Pesquisa de Emprego e Desemprego - Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. Elaboração própria do autor.

Essas evidências estão indicando que as mudanças na distribuição da PIA por níveis de educação formal, em que os segmentos mais escolarizados passam a representar maior proporção, torna-os relativamente mais abundantes na oferta de trabalho. Considera-se que, dada a limitação na criação de postos de trabalho, isto faça com que esses segmentos não consigam ser adequadamente

absorvidos pelo mercado de trabalho como ocupados e acabem sendo levados para a condição de desempregados.

De maneira semelhante, entre o grupo de pessoas com escolaridade superior completa também ocorreu aumento da participação no estoque de desempregados de todas as regiões metropolitanas, na comparação de 1999 com 2007 (Tabela 11). As maiores elevações foram verificadas no Distrito Federal, Belo Horizonte e Salvador. Em alguns casos – Belo Horizonte, Porto Alegre e Salvador – o fator mais relevante para o incremento do grupo em análise no desemprego foi o aumento do seu peso na PIA, enquanto em outros – Distrito Federal, São Paulo e Recife – foi a evolução desfavorável da sua taxa de desemprego comparativamente à taxa média de desemprego. A esse respeito, é interessante contrastar as situações de Porto Alegre e do Distrito Federal: enquanto na primeira região o aumento do peso na PIA dos indivíduos com superior completo representou cerca de 90,0% da elevação da sua participação no desemprego, na segunda região a evolução menos satisfatória da taxa de desemprego do grupo representou cerca de 74,0% do incremento da sua participação no desemprego.

Tabela 11
Evolução da participação dos indivíduos com escolaridade superior completa
no desemprego e seus componentes, entre 1999 e 2007
Regiões Metropolitanas selecionadas e Distrito Federal

Discriminação	$\Delta \ln(U_i/U)$	$\Delta \ln(U_i/N_i) - \Delta \ln(U/N)$	$\Delta \ln(N_i/P_i) - \Delta \ln(N/P)$	$\Delta \ln(P_i/P)$
Belo Horizonte	0,533	0,244	-0,075	0,364
Distrito Federal	0,843	0,632	-0,038	0,250
Porto Alegre	0,352	0,058	-0,024	0,319
Recife	0,301	0,169	-0,012	0,144
Salvador	0,496	0,240	-0,052	0,308
São Paulo	0,399	0,280	-0,009	0,129

FONTE: Pesquisa de Emprego e Desemprego - Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. Elaboração própria do autor.

Posição no domicílio

Na análise da composição do desemprego por posição no domicílio, constata-se que os chefes evidenciaram redução em sua participação no estoque de desempregados em todas as regiões, entre 1999 e 2007, tendo esta sido mais intensa em Belo Horizonte e no Distrito Federal (Tabela 12). De forma generalizada, os componentes relacionados com a taxa de desemprego e com a taxa de participação deste grupo socioeconômico tiveram efeitos benéficos para a diminuição do seu peso no contingente de desempregados. Ainda assim, deve-se assinalar que o impacto de maior tamanho esteve relacionado com a evolução da taxa de desemprego dos chefes comparativamente à média do mercado de trabalho. De forma distinta, a mudança demográfica, apreendida pelo aumento do peso dos chefes na PIA, em todas as regiões, foi no sentido de incrementar a sua participação no desemprego.

De modo geral, essa mudança na composição do desemprego deve ser considerada positiva em termos sociais, dada a maior responsabilidade dos chefes na manutenção econômica dos domicílios. Nesta perspectiva, aventa-se a possibilidade de que o fato de suas taxas de desemprego terem decrescido mais do que a média dos mercados de trabalho tenha proporcionado melhora nas condições de vida das famílias nas áreas metropolitanas do País no período analisado.

Tabela 12
Evolução da participação dos chefes de domicílio no desemprego e seus componentes, entre 1999 e 2007 - Regiões Metropolitanas e Distrito Federal

Discriminação	$\Delta \ln(U_i/U)$	$\Delta \ln(U_i/N_i) - \Delta \ln(U/N)$	$\Delta \ln(N_i/P_i) - \Delta \ln(N/P)$	$\Delta \ln(P_i/P)$
Belo Horizonte	-0,226	-0,262	-0,077	0,113
Distrito Federal	-0,183	-0,175	-0,066	0,058
Porto Alegre	-0,102	-0,108	-0,068	0,075
Recife	-0,058	-0,099	-0,049	0,089
Salvador	-0,095	-0,158	-0,066	0,129
São Paulo	-0,124	-0,123	-0,059	0,058

FONTE: Pesquisa de Emprego e Desemprego - Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. Elaboração própria do autor.

No que diz respeito à posição no domicílio de cônjuge, a mudança predominante entre as regiões foi a de aumento da sua participação no estoque de desempregados, sendo o de maior intensidade registrado em Belo Horizonte (Tabela 13). Nas regiões de Belo Horizonte e de Porto Alegre, o maior impacto para o incremento da participação deste grupo socioeconômico no desemprego foi exercido pela evolução desfavorável da sua taxa de desemprego comparativamente à taxa média de desemprego; em Salvador, o maior efeito para tanto foi provocado pelo aumento do peso deste grupo na PIA da região; e, em São Paulo, o componente dominante foi o crescimento da sua taxa de participação *vis-à-vis* à média do mercado de trabalho daquela região. Por sua vez, mudança distinta foi observada no Distrito Federal e em Recife, em que ocorreu redução da participação dos cônjuges no estoque de desempregados. Em ambos os casos, esta queda se deveu somente ao declínio mais acentuado da taxa de desemprego deste grupo socioeconômico em relação à média do mercado de trabalho.

Quanto à posição no domicílio de filhos, esta registrou elevação em sua participação no contingente de desempregados em todas as regiões metropolitanas, com exceção de Salvador (Tabela 14). Assinale-se que somente no Distrito Federal o aumento deste grupo socioeconômico no desemprego foi mais significativo. Em todas as regiões, o impacto da evolução da taxa de desemprego e da taxa de participação dos filhos contribuiu para o aumento do seu peso no desemprego. Em Recife, Belo Horizonte e São Paulo, o fator de maior relevância foi o comportamento menos favorável da taxa de desemprego dos filhos em relação à taxa média de desemprego, enquanto no Distrito Federal, Salvador e Porto Alegre foi o comportamento da taxa de participação deste grupo em relação ao da taxa de participação média. Pode-se constatar que em todas as regiões

a evolução do peso na PIA dos filhos foi favorável a sua redução no desemprego. No caso específico de Salvador, que foi a única região metropolitana que apresentou um leve recuo da participação dos filhos no desemprego, isto foi devido ao efeito demográfico ter superado os impactos adversos da evolução da taxa de desemprego e da taxa de participação deste grupo socioeconômico.

Tabela 13
Evolução da participação dos cônjuges no desemprego e seus componentes,
entre 1999 e 2007 - Regiões Metropolitanas e Distrito Federal

Discriminação	$\Delta \ln(U_i/U)$	$\Delta \ln(U_i/N_i) - \Delta \ln(U/N)$	$\Delta \ln(N_i/P_i) - \Delta \ln(N/P)$	$\Delta \ln(P_i/P)$
Belo Horizonte	0,199	0,098	0,096	0,005
Distrito Federal	-0,073	-0,138	0,048	0,017
Porto Alegre	0,075	0,068	0,045	-0,039
Recife	-0,047	-0,096	0,033	0,016
Salvador	0,132	0,056	0,014	0,062
São Paulo	0,126	0,021	0,099	0,007

FONTE: Pesquisa de Emprego e Desemprego - Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. Elaboração própria do autor.

Tabela 14
Evolução da participação dos filhos no desemprego e seus componentes,
entre 1999 e 2007 - Regiões Metropolitanas e Distrito Federal

Discriminação	$\Delta \ln(U_i/U)$	$\Delta \ln(U_i/N_i) - \Delta \ln(U/N)$	$\Delta \ln(N_i/P_i) - \Delta \ln(N/P)$	$\Delta \ln(P_i/P)$
Belo Horizonte	0,011	0,064	0,029	-0,082
Distrito Federal	0,147	0,079	0,084	-0,016
Porto Alegre	0,020	0,019	0,052	-0,051
Recife	0,029	0,080	0,032	-0,084
Salvador	-0,013	0,049	0,057	-0,120
São Paulo	0,050	0,053	0,020	-0,022

FONTE: Pesquisa de Emprego e Desemprego - Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. Elaboração própria do autor.

Por fim, a posição de demais membros do domicílio aumentou a sua participação no estoque de desempregados em quatro regiões metropolitanas – Recife, Porto Alegre, Salvador e Belo Horizonte –, na comparação de 1999 e 2007 (Tabela 15). Este aumento foi devido exclusivamente ao comportamento desfavorável da taxa de desemprego desta posição em relação à taxa média de desemprego. Tanto a taxa de participação dos demais membros quanto o seu peso na PIA evoluíram no sentido de reduzir a sua parcela relativa no desemprego, em todas as regiões. Nos casos de São Paulo e do Distrito Federal, os impactos destes dois componentes mais do que compensaram o da taxa de desemprego do grupo em análise, permitindo que em ambas as regiões houvesse redução da sua participação no estoque de desempregados.

4. Considerações finais

A análise do desemprego nas regiões metropolitanas e no Distrito Federal evidenciou que este se encontrava em um patamar muito elevado de incidência ao final dos anos 1990, em um contexto que se caracterizou pelo baixo crescimento econômico, pela abertura comercial e pela reestruturação produtiva. Após o declínio observado em 2000, as taxas de desemprego total nas regiões pesquisadas não apresentaram uma tendência clara entre 2001 e 2002, para posteriormente voltarem a se elevar em 2003. No período de 2004-2007, no qual o País apresentou melhor *performance* macroeconômica, ocorreu redução generalizada da taxa de desemprego total nas regiões metropolitanas.

Conforme foi mostrado no estudo, ao final do período 1999-2007 a razão entre a taxa de desemprego aberto e a taxa de desemprego oculto havia se elevado em todas as regiões metropolitanas, sendo exceção o Distrito Federal. Como todas as regiões experimentavam menores taxas de desemprego total em 2007, isto foi tomado como uma indicação de melhora no grau de estruturação dos mercados de trabalho no período em foco, na medida em que o componente oculto do desemprego se reduziu com mais intensidade do que o aberto.

O tempo médio de procura de trabalho pelos desempregados apresentou elevação nas regiões metropolitanas até 2004, com exceção de Porto Alegre. Portanto, pode-se afirmar que esta dimensão do desemprego passou por um processo de deterioração nos mercados de trabalho metropolitanos, pelo menos até aquele ano. Não obstante ter havido redução do tempo médio de procura no período que se estende até 2007, em todas as regiões estudadas, com exceção de Porto Alegre, este indicador situava-se, naquele ano, acima do registrado ao final dos anos 1990.

Quanto à composição do estoque de desempregados nas regiões metropolitanas e no Distrito Federal, destacaram-se as seguintes mudanças na comparação de 1999 com 2007. De acordo com a segmentação por sexo, ocorreu aumento da participação das mulheres no desemprego em todas as regiões. O que mais contribuiu para tanto foi o fato de que a incidência de desemprego entre as mulheres se reduziu menos do que as taxas médias de desemprego nos mercados de trabalho, com exceção do Distrito Federal.

Em termos de faixas etárias, os adultos de 25 a 39 anos evidenciaram aumento do seu peso no estoque de desempregados em todas as regiões analisadas. Como foi visto no corpo do trabalho, a evolução menos favorável da taxa de desemprego desse grupo populacional em relação à média dos mercados de trabalho foi o fator mais relevante para esta mudança. Os adultos de 40 a 59 anos também aumentaram a sua participação no desemprego nas regiões analisadas, com exceção de São Paulo, mas neste caso foi o componente demográfico o que preponderou para a ocorrência desta mudança.

Os grupos com maior nível de educação formal evidenciaram aumento nas suas participações nos estoques de desempregados em todas as regiões metropolitanas e no Distrito Federal. Entre aqueles com escolaridade fundamental completa a superior incompleta, esta mudança foi suscitada principalmente pelo aumento do peso deste grupo na PIA, e secundariamente por uma evolução

desfavorável da sua taxa de desemprego em comparação à média do mercado de trabalho. No que diz respeito ao segmento com escolaridade superior completa, o incremento da sua participação no desemprego foi ocasionado pela evolução desses mesmos componentes, sendo que em alguns casos o efeito de maior intensidade foi o relativo ao comportamento da taxa de desemprego do grupo e em outros foi devido ao fator demográfico.

Finalmente, a análise da composição do desemprego por posição no domicílio mostrou redução do peso dos chefes no estoque de desempregados em todas regiões metropolitanas e no Distrito Federal. O que mais contribuiu para esta mudança foi o declínio mais intenso da taxa de desemprego deste grupo socioeconômico em comparação à taxa média de desemprego, o que foi reconhecido como socialmente positivo, pois os chefes possuem maior responsabilidade na manutenção econômica dos domicílios.

Bibliografia

- BALTAR, P. Estrutura econômica e emprego urbano na década de 1990. In: PRONI, M., HENRIQUE, W. (Orgs.) **Trabalho, mercado e sociedade** – o Brasil nos anos 90. São Paulo, Editora da UNESP e UNICAMP, 2003.
- BARROS, R. *et al.* **A estrutura do desemprego no Brasil**. Brasília: IPEA, 1997. (Texto para discussão n. 478)
- CARDOSO Jr., J. As fontes de recuperação do emprego formal no Brasil e as condições para sua sustentabilidade temporal. **Revista da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho**. São Paulo: LTr, v. VI, n. 2, p. 87-108, 2007.
- CEPAL/PNUD/OIT. **Emprego, desenvolvimento humano e trabalho decente: a experiência brasileira recente**. Brasília: CEPAL/PNUD/OIT, 2008.
- CHAHAD, J., PICCHETTI, P. A evolução da taxa de desemprego estrutural no Brasil: uma análise entre regiões metropolitanas e características dos trabalhadores. In: CHAHAD, J, PICCHETTI, P. (Orgs.) **Mercado de trabalho no Brasil** – padrões de comportamento e transformações estruturais. São Paulo: LTr, 2003.
- CORSEUIL, C. *et al.* Determinantes da evolução da estrutura do desemprego no Brasil: 1986-1995. **Economia Aplicada**. São Paulo: USP, v. 1, n. 3, p. 443-467, 1997.
- COUTINHO, L. *et al.* Desempenho industrial e do emprego sob a política de estabilização. In: POSTHUMA, A. (Org.) **Abertura e ajuste do mercado de trabalho no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- DEDECCA, C. **O desemprego e seu diagnóstico hoje no Brasil**. Anais do XXIV Encontro Nacional de Economia. Recife: ANPEC, 1996.
- DEDECCA, C., BALTAR, P. Mercado de trabalho e informalidade nos anos 90. **Estudos Econômicos**. São Paulo: USP, v. 27, número especial, p. 65-84, 1997.
- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **A situação do trabalho no Brasil**. São Paulo: DIEESE, 2001.

- HOFFMANN, M. *et al.* O sistema PED: pesquisa de emprego e desemprego em seis regiões metropolitanas. In: WILTGEN, R., GARCIA, L. (Coords.) **Transformações do mercado de trabalho metropolitano: os 10 anos da PED-RMPA**. Porto Alegre: FEE, FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP, FAT/MTE, PMPA, 2002.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Brasil: o estado de uma nação**. Brasília: IPEA, 2006.
- _____. **Carta de Conjuntura**. Brasília: IPEA, dez. 2008.
- MONTAGNER, P., BRANDÃO, S. Desemprego: novos aspectos de um velho problema. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo: SEADE, v. 10, n. 1, p.36-45, 1996.
- MORETTO, A., KREIN, J. **O crescimento da formalização do emprego: como explicá-la?** Anais do IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho. Recife: ABET, 2005.
- OFICINA INTERNACIONAL DEL TRABAJO. **Emplear a los jóvenes: promover un crecimiento intensivo en empleo**. Genebra: OIT, 2000.
- _____. **Trabajo decente y juventud – América Latina**. Lima: OIT, 2007.
- O'HIGGINS, N. **The challenge of youth unemployment**. Genebra: OIT, 1997. (Employment and training papers n. 7)
- POCHMANN, M. **O emprego no desenvolvimento da nação**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- RAMOS, L., BRITTO, M. **O funcionamento do mercado de trabalho metropolitano brasileiro no período 1991-2002**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. (Texto para discussão n. 1011)
- RODARTE, M. *et al.* **Desemprego de longa duração como corolário da “Década Neoliberal”: a evolução do desemprego metropolitano entre as décadas de 1990 a 2000**. Anais do IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho. Recife: ABET, 2005.
- SABOIA, J. Venturas e desventuras do mercado de trabalho no Brasil. In: CASTRO, A. *et al.* (Orgs.) **Brasil em desenvolvimento – instituições, políticas e sociedade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. (Volume 2)
- SOUZA, P. **Emprego, salários e pobreza**. São Paulo: HUCITEC, 1980.
- TROYANO, A. Como medir o desemprego numa economia subdesenvolvida. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo: SEADE, v. 2, n. 3, p. 13-15, 1988.